SEU INIMIGO MAIS MORTAL

OU SEU GRANDE AMOR?

CAÇADOR SEM CORAÇÃO

MARIPOSA ESCARLATE – LIVRO UM

KRISTEN CICCARELLI

PARA TODAS AS PESSOAS
QUE TEMEM SER QUEM SÃO

GIDEON
ENCRUZILHADA
CAPITAL
MINISTÉRIO DA SEGURANÇA PÚBLICA
VELHO BAIRRO
DISTRITO DE FORA
DOCAS
NOVA
REPÚBLICA

ÁGUAS ABERTAS DO NORTE
BAÍA RASA
MAR INVERNAL
PALÁCIO DAS ROSEBLOOD
PORTO RARO
TEATRO DE ÓPERA
RECANTO DAS AZINHEIRAS
PRAÇA CENTRAL
ZONA PORTUÁRIA
PALACETE DO ESPINHEIRO
ESTREITO DO SEPULCRO

RUNE

Camaradas! Apenas através da morte do velho mundo podemos impedir o retorno do mal. Devemos destruir as bruxas e extinguir sua magia. Tudo é permitido em nome deste objetivo maior: nos libertar de sua opressão.

Que o sangue delas manche as ruas para sempre.

– Nicolas Creed, seu Nobre Comandante

PRELÚDIO

QUANDO A GUARDA SANGUÍNEA suspeitava que uma mulher fosse bruxa, arrancava as roupas dela e procurava cicatrizes em seu corpo.

Durante o governo das Rainhas Irmãs, bruxas ostentavam os estigmas de conjuração com orgulho, exibindo seu poder como joias preciosas e vestes de seda. Estigmas eram um sinal de riqueza e distinção − e, acima de tudo, de *magia*.

Agora, eram as marcas das mulheres caçadas.

Fazia dois anos desde a última vez que Rune vira as marcas de uma bruxa, logo após as rainhas bruxas terem sido assassinadas enquanto dormiam e o sangue de seu conselho ter sido derramado nas ruas. A Guarda Sanguínea assumira o controle da cidade e começara os expurgos.

O sol se punha conforme a multidão se apinhava no centro da cidade imersa em bruma. Rune estava no meio da turba e não podia deixar de notar os olhares sedentos e febris ao redor. As pessoas queriam vingança. Queriam beber o sentimento como se fosse um vinho tinto encorpado.

As gaivotas guinchavam no céu enquanto a velha bruxa era empurrada degraus acima até a plataforma de expurgo. Ao contrário das que vinham atrás, ela não chorou nem implorou por misericórdia, encarando seu destino com um olhar estoico. O membro da Guarda Sanguínea rasgou a manga da camisa da mulher, revelando a evidência de seus crimes: estigmas que desciam pelo braço esquerdo, o padrão branco gravado na pele dourada como uma renda delicada.

Rune não pôde evitar achar bonito. Antes um sinal de posição elevada, as cicatrizes tinham se tornado impossíveis de esconder, transformando a idosa em presa fácil para os caçadores de bruxas.

Era por aquele motivo que Rune nunca se cortava.

Não podia se dar ao luxo de que encontrassem os estigmas.

UM

RUNE

MIRAGEM: (s.f.) a categoria mais básica e inferior de feitiços.

Miragens são ilusões simples, mantidas por curtos períodos de tempo, que exigem pouco sangue. Quanto mais fresco o sangue, mais forte a magia e mais fácil a conjuração.

– Regras da magia, *de rainha Callidora, a Destemida*

RELÂMPAGOS SERPENTEAVAM PELO CÉU enquanto Rune Winters abria caminho pela floresta úmida, mal protegida da chuva pela copa dos pinheiros altos. A luz de seu lampião iluminava a trilha adiante, o chão pontuado aqui e ali por raízes retorcidas e poças de água.

Era uma noite péssima para conjurações. A chuva se infiltrava por seu manto e a umidade desfazia as marcas de feitiço que ela desenhara com sangue no pulso. Precisaria retraçar os símbolos antes que se apagassem de vez, levando consigo a magia.

A ilusão que camuflava Rune tinha que perdurar até ela ter certeza de que Seraphine não a mataria.

Seraphine Oakes, ex-conselheira das Rainhas Irmãs, era uma bruxa poderosa. Depois de dois anos de busca, Rune enfim a localizara. Restava saber o que encontraria ao chegar ao topo daquele promontório arborizado: uma amiga ou uma inimiga?

Mordendo o lábio, Rune se lembrou das últimas palavras da avó, dois anos antes: *Me prometa que vai encontrar Seraphine Oakes, meu bem. Ela vai lhe contar tudo o que eu não pude.*

Depois de prender sua avó e arrastá-la para fora de casa, a Guarda Sanguínea marcara um X sangrento na porta da casa delas, declarando a todos que uma inimiga da República havia sido encontrada ali e estava sendo encaminhada ao expurgo.

A lembrança apunhalou Rune como uma lâmina.

Uma vibração de ansiedade agitava seu sangue enquanto ela prosseguia avançando. Como o prelúdio de uma sonata, cada vez mais alto e acelerado. Se Seraphine percebesse a ilusão que protegia Rune antes de ouvir o que a jovem tinha a dizer, talvez a expulsasse de sua casa – ou pior, lançasse sobre ela um feitiço fulminante.

Porque, aonde quer que Rune Winters fosse, sua reputação cuidadosamente construída a precedia.

Ela era uma informante. Odiava bruxas. Era uma queridinha da Nova República.

Rune era a garota que traíra a própria avó.

Por isso, estava disfarçada como uma velha vendedora ambulante, puxando uma mula carregada de mercadorias. O cheiro de pelagem molhada pairava no ar e a carga de panelas e frigideiras tilintava a cada passo do animal – detalhes invocados pela magia no sangue de Rune e mantidos pelos símbolos traçados em seu pulso, que atavam o feitiço a ela.

Era uma miragem, um feitiço da mais básica categoria, mas que, ainda assim, exigira toda a sua energia mental ao ser conjurado e provocara a enxaqueca que ainda pulsava em suas têmporas.

A chuva agitava os galhos. Raios iluminavam o pequeno chalé encarapitado na beira do penhasco onde terminava a floresta. As janelas revelavam a luz cálida de candeeiros, e Rune sentia o cheiro da fumaça soprada pela chaminé.

Com as marcas de feitiço se desfazendo rápido, a ilusão começou a vacilar. Ela precisava que a miragem aguentasse só mais um pouco.

Baixando o lampião, Rune pegou o frasco de vidro do bolso e arrancou a rolha. Em seguida, enfiou a ponta do dedo no sangue e, estendendo o pulso para que fosse banhado pela luz, reforçou o traçado dos símbolos. Um deles alterava sua aparência – tornava seu cabelo grisalho, enrugava sua pele, curvava suas costas –, enquanto o outro invocava a manifestação da mula a seu lado.

No instante em que terminou, o feitiço rugiu em seus ouvidos e o gosto salgado se espalhou por sua língua. A ilusão, agora ancorada com mais força

em Rune, se restaurou na mesma hora, intensificado o latejar em sua cabeça. Engolindo o gosto salobro da magia, ela ajeitou o capuz, cerrou os dentes para suportar a enxaqueca cada vez pior, pegou o lampião e enfim saiu da mata, continuando pela trilha em direção ao chalé.

Suas botas afundavam na lama. A chuva fustigava seu rosto.

O coração parecia prestes a sair pela boca.

O que aconteceria quando aquela porta se abrisse estava agora na mão das Ancestrais. Se Seraphine não se deixasse enganar pela magia e a matasse com uma maldição, seria merecido. E se demonstrasse misericórdia…

Rune mordeu o lábio. Não, melhor não criar esperanças.

Ao entrar na propriedade, ouviu o relinchar ansioso de um cavalo. Vinha do estábulo, que era possível ver recortado contra a noite. O animal provavelmente estava com medo da tempestade. Quando chegou à casa, Rune encontrou a porta já aberta, e uma fresta de luz âmbar banhando a soleira.

Ela apertou a alça de latão do lampião com os dedos endurecidos. Será que Seraphine estava a sua espera?

Algumas bruxas podiam prever fragmentos do futuro – embora, atualmente, fosse uma habilidade rara e em geral instável. Nada como as profecias nítidas das poderosas sibilas do passado. Talvez Seraphine fosse uma delas.

O pensamento fez Rune endireitar as costas e se forçar a avançar. Se Seraphine tivesse previsto aquele encontro, sabia quem Rune era e que estava a caminho.

Mais um motivo para acabar logo com isso.

Deixando a ilusão da mula no quintal, ela adentrou o chalé. Não havia ninguém esperando. O fogo morria na lareira, as brasas vermelhas centelhando. Um prato de comida jazia sobre a mesa, com o molho de carne solidificado, como se estivesse largado ali havia um tempo. A chuva que entrava pela porta aberta molhava o piso de pedra.

Rune franziu a testa.

– Olá?

Em resposta, apenas o silêncio.

– Seraphine?

A casa rangeu em reação ao nome de sua moradora: as vigas do teto estalaram e as paredes se agitaram ao vento. Rune olhou ao redor, procurando

qualquer sinal da mulher que morava ali. Era um casebre de cômodo único, com uma cozinha num canto e uma pequena escrivaninha do outro lado.

– Você deve estar por aqui…

Uma escada rústica de madeira no centro do recinto levava a um mezanino. Rune subiu e, no andar de cima, encontrou uma cama desarrumada e três velas acesas, a cera amarelada pingando nas tábuas do assoalho. Voltou a descer e conferiu a porta dos fundos, que levava a um jardim vazio.

Nenhum sinal de Seraphine.

Rune sentiu um calafrio.

Cadê ela?

O cavalo relinchou de novo ao longe.

No estábulo. É claro. O animal parecia assustado e era provável que Seraphine tivesse ido até lá para acalmá-lo.

Com a lamparina na mão e a cabeça ainda latejando, Rune saiu para a chuva, deixando a porta entreaberta e pegando a ilusão de mula no caminho. A chuva respingava em seu pulso, fazendo o feitiço tremular na tentativa de se sustentar. A jovem apertou o passo, e estava na metade do caminho até o estábulo quando pisou em algo. Era difícil enxergar direito na escuridão e no meio da tempestade, então se abaixou para iluminar a lama.

Era uma peça de roupa.

Rune estendeu a mão para pegar o tecido encharcado. Voltou a ficar de pé e analisou à luz do lampião o que havia encontrado: um vestido simples de lã. Do tipo que uma criada usaria enquanto estivesse esfregando o chão.

Com a diferença de que alguém havia cortado a parte de trás.

Por que alguém…

Ela voltou a olhar para a trilha e encontrou uma segunda veste. Ao se inclinar, viu a roupa íntima de algodão, suja de lama. Também cortada nas costas. *Não*, pensou Rune, os dedos fustigados pela chuva percorrendo as extremidades desfiadas do pano. *Não foi cortada*.

Rasgada.

Sentiu o estômago se revirar.

Com o pulso tão exposto ao tempo, a chuva enfim desfez todas as marcas de feitiço e a ilusão cedeu. A dor de cabeça sumiu junto com a magia. Antes que pudesse refazer os símbolos, o vento se avivou de repente e uivou como um lobo furioso.

BLAM!

A porta do chalé se fechou com um estrondo.

Rune largou o vestido de lã e se virou na direção da entrada, sem fôlego. Com a porta fechada, era possível ver o grande X sangrento que tingia a madeira de um lado a outro.

A marca da Guarda Sanguínea.

Seraphine não estava no estábulo acalmando o cavalo. Soldados a haviam encontrado, arrancado suas roupas e a levado.

A mais antiga amiga da avó de Rune estava nas mãos da Guarda Sanguínea – o inimigo mais perigoso de uma bruxa.

DOIS

RUNE

RUNE CAVALGAVA A TODA velocidade a égua cansada da avó, Lady, pelas ruas cobertas de neblina da capital.

Lâmpadas elétricas iluminavam o caminho, zumbindo enquanto a luz branca revelava os estabelecimentos fechados de ambos os lados da via. O som dos cascos galopantes de Lady contra os paralelepípedos se destacava no silêncio dos arredores.

Dois anos haviam se passado desde que o sangue de bruxas fora derramado naquelas ruas e a República da Paz Rubra nascera. Rune passara todo aquele tempo procurando por Seraphine Oakes, determinada a realizar o último pedido da avó.

O regime havia executado todas as amigas dela, tomara seus bens e heranças. A única que escapara do expurgo fora Seraphine, mas apenas porque a antiga rainha a enviara para o exílio quase duas décadas antes e ninguém a vira desde então.

Naquela noite, Rune enfim identificara o paradeiro da mulher, mas caçadores de bruxas a tinham capturado primeiro.

Seria coincidência? Ou havia alguém atrás de Rune? Isso estava mesmo fadado a acontecer, mas agora precisaria tomar ainda mais cuidado. Se alguém da Guarda Sanguínea suspeitasse dela, precisaria dar um jeito de despistá-los.

Rune tentou não pensar no X de sangue desenhado na porta da bruxa ou nas roupas rasgadas abandonadas na lama. Sabia exatamente o que havia acontecido com Seraphine. Vira tudo com os próprios olhos no dia em que a Guarda Sanguínea capturara sua avó.

A própria Rune os convidara a entrar.

Imediatamente após a revolta, soldados tinham capturado e expurgado todas as bruxas conhecidas. O exército da Nova República passara a controlar os portos, garantindo que nenhuma pudesse deixar a ilha.

Haviam apreendido os navios da avó de Rune, e fora só uma questão de tempo até os caçadores irem à Casa do Mar Invernal para prendê-la.

Mas a senhora tinha um plano. Um antigo parceiro de negócios possuía um barco usado de forma clandestina para transportar bruxas para fora da ilha. A embarcação deixaria a enseada particular do sujeito à meia-noite e havia lugar tanto para Rune quanto para a avó, caso chegassem a tempo de embarcar.

Na época, Rune tinha apenas dezesseis anos e sua magia ainda não despertara. Ela sequer cogitava que um dia despertaria – sua mãe biológica não era bruxa, e apenas bruxas podiam gerar outras. A magia, no entanto, às vezes saltava descendentes, e até gerações inteiras, de forma que era difícil prever seu surgimento. Os pais de Rune haviam se afogado em um naufrágio terrível quando ela era criança, deixando a garota órfã e sem familiares que pudessem acolhê-la. Foi quando a mulher que ela chamava de avó a adotara.

Mas não importava que Rune não fosse bruxa ou sequer parente de sangue da senhora. Sob a lei da Paz Rubra, só importaria que Rune não a entregara. Quando a Guarda Sanguínea fosse atrás da idosa, declararia a jovem como simpatizante e a executaria junto com Kestrel Winters pelo crime de não denunciar uma bruxa.

Aquela era a única chance delas de escapar.

Rune embalava apressadamente suas coisas quando recebeu uma mensagem de Alexander Sharpe, seu amigo mais antigo.

Alguém traiu você, dizia o bilhete. *A Guarda Sanguínea sabe dos seus planos. Soldados prenderam o pescador esta noite e estão esperando por vocês duas na enseada dele.*

Mas as notícias na mensagem de Alex ficavam ainda piores: *As estradas que saem da cidade estão bloqueadas e estão prendendo qualquer pessoa que não tenha permissão para viajar.*

Não havia para onde correr; estavam encurraladas na Casa do Mar Invernal. Podiam até se esconder, mas por quanto tempo?

Você precisa entregar sua avó, Rune. Antes que seja tarde demais.

A mensagem era clara: se Rune não denunciasse a senhora imediatamente, as duas seriam executadas.

Caso se recusasse a entregar Kestrel, Rune teria uma morte brutal. Mas era sua *avó*. A pessoa que Rune mais amava no mundo. Entregar a mulher seria como arrancar o próprio coração do peito e dá-lo de bandeja. Então ela mostrou o bilhete para a idosa, confiando na avó para encontrar uma forma de sair daquela situação.

Ela ainda se lembrava do olhar férreo da bruxa enquanto lia a mensagem. Em vez de propor um novo plano de fuga, porém, Kestrel disse: *Ele tem razão. Você deve me entregar imediatamente.*

Horrorizada, Rune balançou a cabeça. *Não. Deve ter outro jeito.*

A avó puxou Rune para um abraço bem apertado. Ainda se recordava do cheiro do óleo de lavanda que a idosa passava atrás das orelhas. *Querida, vão matar você se não fizer isso.*

Rune chorou e correu para o quarto, trancando a porta.

Se me ama de verdade, me poupe da agonia de ver eles matarem você, disse a avó do outro lado da porta.

Os olhos de Rune ardiam com as lágrimas; ela soluçava de tanto chorar.

Por favor, meu bem. Faça isso por mim.

Rune fechou os olhos com força, torcendo para acordar daquele pesadelo. Mas não era pesadelo algum. Suas opções eram denunciar a avó ou sofrer uma morte horrenda a seu lado.

Lágrimas quentes escorriam por suas bochechas.

Enfim, Rune abriu a porta e saiu.

A avó a envolveu em um abraço apertado. Afagou seu cabelo, como costumava fazer quando ela era novinha. *Você vai precisar ser muito esperta, meu amor. Esperta e corajosa.*

Com a ajuda de Lizbeth, uma das empregadas, a avó colocou Rune em um cavalo e a fez galopar noite adentro.

Rune ainda tinha lembranças do vento cortante e da chuva implacável. Ainda se recordava de como tremia. A noite estava congelante, mas o medo em seu coração era ainda mais gélido.

Ela poderia ter se negado. Poderia ter marchado direto até os soldados e se entregado no lugar da avó. Mas não foi o que fez.

Porque, lá no fundo, Rune não queria morrer.

Lá no fundo, ela era uma covarde.

Encharcada e trêmula, entrou no quartel da Guarda Sanguínea e proferiu as palavras que condenariam a avó.

Kestrel Winters é uma bruxa e está planejando fugir, contou a eles, desamparando a pessoa que mais amava no mundo. *Posso levar vocês até ela. Mas precisa ser rápido, antes que ela vá.*

Assim, ela guiou a Guarda Sanguínea até a Casa do Mar Invernal, onde eles prenderam sua avó e a arrastaram para fora de casa enquanto Rune assistia, silenciosa e imóvel. Guardando tudo dentro de si.

Foi apenas depois que os soldados estavam a uma distância segura que ela desmoronou no chão e chorou.

Rune tinha passado os dois anos seguintes tentando compensar aquela noite.

Mas a avó estava certa: ao entregá-la, Rune passara a ser vista como alguém tão leal à Nova República quanto seus demais aliados. *Mais* leal, até. Afinal, quem entregava a própria avó? Alguém que odiava bruxas acima de todas as coisas.

A vida de inúmeras bruxas agora dependia daquele disfarce.

Trêmula, Rune apertava com tanta força as rédeas de Lady que as tiras de couro machucavam suas mãos, apesar das luvas de pele de cervo, enquanto corria os olhos pelas ruas enevoadas da capital. Se tivesse sorte, a Guarda Sanguínea manteria Seraphine em uma detenção provisória. Esperariam até que mais algumas bruxas tivessem sido caçadas antes de transferir todas juntas para a prisão do palácio.

Se Rune não tivesse sorte…

Pensar na alternativa – em Seraphine já presa sob o palácio, esperando para ser expurgada – fez seu estômago revirar.

Rune forçou a égua a intensificar o galope, tentando fugir da sensação.

Era o que precisava descobrir naquela noite: se Seraphine ainda estava viva e, caso estivesse, onde a Guarda Sanguínea a mantinha.

Conforme ela e Lady se aproximavam do centro da cidade, uma imensa estrutura com teto abobadado despontou da penumbra, rivalizando com o palácio em magnitude.

O teatro de ópera.

Devia haver caçadores de bruxas por lá, sem falar em membros do Tribunal. Alguns ali com certeza saberiam o novo local de detenção provisória.

A primeira coisa a surgir foi o pavilhão com domo de cobre, onde carruagens deixavam os espectadores. Cinco colunas imensas, com cinco andares de altura, contornavam o pavilhão.

Rune nunca deixava de se surpreender com o fato de que o Nobre Comandante permitira que o espaço permanecesse aberto. Pouco depois da revolução, patriotas tinham pilhado o teatro de ópera, e o local perdera boa parte de seu esplendor prévio. Pinturas, estatuetas e outros itens de decoração que remontavam ao Reinado das Bruxas tinham sido destruídos, queimados ou jogados no mar. Porém, o interior continuava intocado, com suas superfícies folheadas a ouro e seus assentos de veludo vermelho – um lembrete austero da decadência das rainhas bruxas.

Assim que entraram no pavilhão, Lady diminuiu o ritmo a um mero trote e um cavalariço idoso com uniforme preto imaculado surgiu do arco da entrada.

Rune desmontou do cavalo. Quando as sapatilhas de seda tocaram a calçada de pedra, suas pernas quase cederam. Todos os ossos em seu corpo doíam por ter cavalgado naquela velocidade para chegar ao local na mesma noite.

– Cidadã Winters. A senhorita está terrivelmente atrasada.

A garota se retraiu por dentro ao ouvir a voz familiar. Preferia o jovem cavalariço àquele velho patriota. Os mais novos se admiravam não só com a fortuna e as conexões de Rune, mas também com sua reputação de heroína da revolução.

Carson Mercer, no entanto, não se impressionava nem um pouco com Rune, e a baixa estima que tinha por ela perturbava a jovem. Será que suspeitava de algo, ou o sujeito era apenas um velho infeliz?

– A ópera já está na metade.

Ao ouvir o tom de reprovação em sua voz, Rune assumiu seu papel e começou a atuar. Baixando o capuz do sofisticado manto de lã, balançou o cabelo e o deixou cascatear em um mar de ondas da cor de ouro velho.

– Prefiro perder o primeiro ato, Sr. Mercer. É tedioso demais. Tudo que preciso saber é como a história termina. Quem se importa com o resto?

– De fato – falou Carson, semicerrando os olhos. – Me pergunto por que a senhorita frequenta os espetáculos.

Ele se virou para levar a égua dela até os estábulos do teatro de ópera. Incomodada com o tom de voz do homem, ela exclamou:

– Pela fofoca, é claro!

Assim que o sujeito saiu de vista, Rune tateou nervosamente o bolso escondido no avesso do vestido, onde havia um frasco de sangue. Mais

calma, se obrigou a esquecer o rabugento cavalariço e entrou no teatro de ópera, onde membros da Guarda Sanguínea estariam se vangloriando por suas capturas recentes. Tudo de que Rune precisava naquela noite era manter os ouvidos aguçados e fazer as perguntas certas; quando as cortinas se fechassem, teria a informação de que precisava para salvar Seraphine.

No caminho até a entrada do teatro, passou por várias crianças mendigando moedas ou comida. Pelas marcas que tinham na testa, dava para saber que eram Penitentes. Descendentes de simpatizantes de bruxas. Aquilo significava que alguém da família daquelas crianças havia se recusado a dar informações sobre bruxas ou as escondera dos caçadores.

Em vez de executar ou prender os descendentes desses simpatizantes, o Nobre Comandante tinha gravado o símbolo dos Penitentes na testa de cada um, de modo que todos soubessem o que haviam feito. Era um aviso. Uma forma de dissuadir outras pessoas de ajudarem bruxas.

Os dedos de Rune comicharam de vontade de levar a mão à bolsa de moedas e distribuir algumas, mas era ilegal ajudar Penitentes de forma direta. E, com Carson por perto, era imprudente arriscar, então ela apenas abriu um sorriso. O sorriso de resposta das crianças fez seu coração se apertar de culpa enquanto passava por elas.

Lá dentro, Rune descobriu que Carson estava certo: a ópera *de fato* estava na metade. Diante dela, a escadaria cerimonial – dividida em dois lances de degraus divergentes que se entrelaçavam – estava quase vazia. A cacofonia de vozes vinda do saguão principal lá em cima era um sinal inconfundível de que ela havia chegado bem na hora do intervalo.

Apertando com força a balaustrada de mármore frio, Rune tirou as Penitentes da cabeça e avançou. Sentia a presença dos homens ao redor enquanto subia, o olhar atento deles a acompanhando mesmo muito depois de ela passar, fazendo-a se lembrar da conversa recente que tivera com a amiga Verity.

Não acha que está na hora de escolher alguém?

Um pretendente, ela queria dizer. Um dos vários pretendentes que faziam fila para pegar uma das fitas de dança de Rune durante bailes, que a convidavam para jantares românticos e a acompanhavam em longos passeios de carruagem. Não era *Rune* que os atraía. Claro, alguns podiam estar de fato interessados na bela figura que ela apresentava ao mundo;

a maioria, porém, estava interessada na fortuna da avó de Rune, em seu lucrativo negócio de transportes marítimos e em sua imensa propriedade. Tudo "dado de presente" a Rune como recompensa por seu heroísmo durante a revolução.

Ela vinha enrolando os pretendentes úteis havia mais de um ano – todos de famílias cheias de conexões, com acesso a segredos de que ela precisava. Segredos que ela arrancava deles em cantos escuros e alcovas imersas em sombras.

Mas não podia continuar fazendo aquilo para sempre. A paciência dos rapazes era limitada, e Rune não podia correr o risco de criar inimizades.

Verity fizera uma lista dos pretendentes mais valiosos e a deixara sobre o travesseiro da amiga na manhã seguinte à conversa.

Ela precisava escolher alguém, e tinha que ser logo.

Mas não esta noite, pensou, subindo a escada a passos largos. Naquela noite, ela se misturaria aos filhos e às filhas da revolução, roubando quaisquer segredos que pudesse.

Quando Rune chegou ao topo da escadaria, o saguão principal se abriu diante dela, cheio de espectadoras da ópera vestidas em sedas de tons pastel e rendas e pérolas trançadas ao cabelo, todas iluminadas por mais de uma dezena de lustres cintilantes que pendiam do teto do imenso salão.

– Rune Winters – disse uma voz que a fez estacar. – Chegando de fininho depois da hora, pelo visto. Estava em um encontro com algum de seus amantes?

Várias risadinhas escandalizadas se seguiram.

A voz era de Verity de Wilde – melhor amiga de Rune.

Verity estava bem debaixo de um dos lustres, as mãos apoiadas na cintura e um sorriso brincalhão lhe curvando a boca. Cachos castanhos emolduravam seu rosto, e olhos escuros espiavam por trás dos óculos. Ela usava um vestido amarelo feito um girassol, com mangas de renda branca e costas decotadas – um traje de segunda mão que Rune usara na temporada anterior. Originalmente, era um vestido sem mangas, mas, como modelos sem manga agora estavam fora de moda, Rune colocara a própria costureira para adequar a peça antes de dá-la a Verity.

Ao redor dela, um grupo de amigos bem-vestidos. Rapazes e moças que já haviam comido à mesa de Rune e dançado nos salões de baile de sua casa centenas de vezes – e o fariam de novo naquela noite, na festa que daria após a ópera.

Amigos talvez fosse um termo generoso demais, já que nenhuma daquelas pessoas pensaria duas vezes antes de delatá-la se soubessem quem ela era de verdade.

– Ou talvez – começou outra voz, que fez todos se virarem – Rune estivesse resgatando bruxas por aí. Dizem que a Mariposa Escarlate só age sob o manto da escuridão.

As palavras fizeram Rune estremecer, e ela encarou diretamente os olhos penetrantes de Laila Creed. Laila era vários centímetros mais alta que Rune – o que dava a impressão de que estava sempre olhando de cima – e era membro da Guarda Sanguínea.

Ela também era bonita, com maçãs do rosto proeminentes e cabelos muito pretos, naquela noite presos em um penteado bem alto. Rune reconhecia o modelo do vestido azul-celeste de cintura alta: era uma peça de Sebastian Khan, famoso estilista do continente cuja lista de espera durava mais de um ano, criador dos vestidos queridinhos da temporada. Era impossível adquirir uma peça a menos que se tivesse fortuna e conexões consideráveis.

Rune possuía dois em seu armário.

O fato de Laila estar usando um vestido raro e não seu uniforme significava que estava de folga naquela noite. Provavelmente não fora uma das caçadoras responsáveis por capturar Seraphine.

O sangue de Rune gelou quando ela se lembrou da casa vazia da velha bruxa. De como os membros da Guarda Sanguínea haviam encontrado Seraphine pouco antes de sua chegada. Caso estivesse sendo vigiada, a espiã poderia muito bem ser Laila, que nunca gostara de Rune, por algum motivo desconhecido.

Vestindo a máscara que escondia a verdadeira Rune Winters, ela inclinou a cabeça para trás e caiu na gargalhada.

– Rá! Podem imaginar? *Eu*, passando noites vagando por esta ilha condenada, com esse clima horrendo e lama e chuva que não acabam mais? Têm ideia de como ficariam minhas *Minews*?

Ela ergueu a barra do vestido para mostrar as sapatilhas de seda, feitas sob encomenda por Evelyn Minew, estilista de alta-costura que morava do outro lado do mundo, cujos modelos de calçados eram únicos e impossíveis de copiar. Rune demorara meio ano para conseguir entrar em contato com ela, e esperara outro ano inteiro até que os calçados chegassem.

Tome essa, Laila Creed.

Em reação aos olhares de choque e inveja, Rune soltou o vestido e, sorrindo, entrou no círculo que se formava ao seu redor, parando um pouco à frente de Laila para deixá-la de fora. Baixando a voz, sussurrou de forma um tanto conspiratória:

– Ficaram sabendo? A justiceira conseguiu evacuar mais um grupo de bruxas pelos dutos de esgoto. Pelo *esgoto*! Imaginem só!

Os presentes franziram o nariz de nojo.

Rune nem precisou fingir a reação: seu estômago se revirou ao lembrar a ocasião. O cheiro pútrido de esgoto bruto pairava no túnel escuro, a água chapinhando na altura de seu joelho enquanto ela e as irmãs gêmeas resgatadas – que mal tinham treze anos – andavam por quilômetros sob a cidade em meio ao fedor. Uma criada havia encontrado os lençóis das meninas escondidos sob o assoalho e as denunciara. As manchas de sangue não eram vermelhas, e sim pretas – sinal de que uma bruxa havia adquirido seus poderes junto com a chegada da primeira menstruação.

Naquela noite, Alexander Sharpe – o mesmo amigo que contara a Rune que a Guarda Sanguínea estava seguindo os rastros de sua avó – ficara esperando na saída dos dutos com roupas limpas e um cavalo que levaria as garotas direto até as docas, onde um dos navios de carga de Rune estava pronto para zarpar. Alex estava sempre esperando do outro lado. Às vezes, com cavalos ou carruagens; outras, com embarcações. Era o responsável pela válvula de escape nas fugas que planejavam e nunca deixara Rune na mão.

O navio de carga chegara ao destino já fazia dois dias, e as gêmeas tinham enviado uma mensagem codificada que informava que estavam seguras no continente.

– Que alguém prefira vagar em meio às fezes em vez de dormir profundamente numa cama macia e limpa é… bem, *revoltante* – comentou Rune sentindo cada vez mais calor sob o manto, soltou os cordões do pescoço.

Os presentes murmuraram, concordando. Exceto por uma pessoa: Laila.

– Mas não é exatamente isso que a Mariposa Escarlate diria?

Os dedos de Rune se tensionaram ao redor dos cordões do manto. A peça escorregou de seus ombros nus; antes que ela pudesse segurá-lo, no entanto, alguém se aproximou por trás para pegar a peça refinada de lã e acomodar o manto na dobra do braço.

– Ora, amigos... – disse uma voz reconfortante perto de seu ouvido. – Se Rune fosse a Mariposa, teria entregado a própria avó para o expurgo?

Quando o recém-chegado se colocou ao lado de Rune, ela ergueu o rosto. Alex Sharpe. Na presença de seu amigo mais antigo – um amigo de verdade, como Verity –, todos os músculos de seu corpo relaxaram.

O rapaz parecia um leão naquela noite, com o cabelo dourado brilhando à luz dos lustres. Seu olhar era cálido e firme, mas ele franzia a testa de leve, mostrando que sabia onde a amiga estivera e que se preocupava com ela.

Noah Creed – irmão de Laila, um rapaz que fazia parte da lista curta de *Pretendentes que Rune precisa levar em consideração* – se intrometeu.

– A Mariposa Escarlate não age há semanas – falou o rapaz, também defendendo Rune. Para apoiar a própria teoria, acrescentou: – Ouvi dizer que prenderam outra bruxa esta noite, sem dificuldades. A Mariposa nem *tentou* resgatar a mulher.

Rune voltou toda a atenção para Noah.

Me pergunto onde você ouviu isso…

Noah tinha os mesmos olhos castanhos e profundos, as mesmas maçãs do rosto proeminentes e a mesma pele ocre da irmã. Não apenas era belo, com seu sobretudo escuro de ombros acolchoados e lapela de seda, como também era filho do Nobre Comandante. Aquela posição o colocava *muito* perto de uma fonte primária de quase todos os tipos de informações confidenciais, sendo de fato uma ótima opção de pretendente.

Mas será que vai notar a esposa saindo da cama de madrugada? Ou voltando para casa exausta depois da aurora… às vezes com hematomas?

Rune deu um sorriso para Noah.

– Uma bruxa? Apreendida *esta noite*? Não brinque assim conosco, Noah. Conte mais.

Os olhos de Noah se arregalaram quando notou que era alvo da atenção da jovem, mas ele só ergueu as mãos em protesto.

– Foi Gideon Sharpe que a capturou. É tudo que sei.

Gideon Sharpe.

Os lábios de Rune quase se arreganharam ao ouvir o nome do irmão mais velho de Alex. Devotamente leal à Nova República, o sujeito era um caçador inclemente e sanguinário que mandara mais colegas de Rune para o expurgo do que qualquer outro membro da Guarda.

Também gozava da fama de ter ajudado a matar as Rainhas Irmãs, acendendo a fagulha da revolução.

Rune o odiava.

Os dois irmãos Sharpe não podiam ser mais diferentes.

Ao ver a expressão de Rune, Verity ergueu uma sobrancelha escura em uma pergunta silenciosa. Em resposta, a jovem ajeitou uma mecha de cabelo atrás da orelha, exibindo os brincos de rubi da avó. Havia colocado as joias naquela manhã, e elas pendiam de suas orelhas como gotas de sangue. Os brincos eram sua resposta: *falhei*. Informavam à parceira de crimes tudo que ela precisava saber a respeito do andamento da noite. *Seraphine está em mãos inimigas.* Verity compreenderia o resto sozinha ou Rune a informaria de tudo na festa que daria naquela noite após a ópera.

Ao ver os rubis, a boca de Verity se contraiu. Desviando o olhar, ela pigarreou na mesma hora.

– Bem, *eu* sempre achei que a Mariposa Escarlate fosse a Sra. Blackwater – comentou ela, atraindo a atenção do grupo ao olhar para o outro lado do salão barulhento e iluminado, para a mulher de meia-idade, cabelo crespo e pescoço adornado com inúmeras pérolas. A Sra. Blackwater estava sentada sozinha na varanda do café do teatro de ópera, murmurando consigo mesma. – Conseguem imaginar aquela velha mexeriqueira atraindo a Guarda Sanguínea a uma caçada falsa? Que disfarce perfeito!

Com a piadinha, todos irromperam em gargalhadas.

Enquanto pessoas sugeriam outros nomes, Rune aproveitou a chance dada por Verity e se misturou discretamente à multidão, movida por um novo propósito: encontrar Gideon Sharpe.

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br